



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
4ª TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO:
GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E
AMBIENTAL**

**Linha de pesquisa:
PLANEJAMENTO TERRITORIAL RURAL**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA COMO METODOLOGIA
DE ENSINO NA ESCOLA MIGUEL PEREIRA - LAGOA DE
DENTRO/PB**

MARCILENE BARBOSA OLIVEIRA DE LIMA

**GUARABIRA/PB
2020**

MARCILENE BARBOSA OLIVEIRA DE LIMA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA COMO METODOLOGIA
DE ENSINO NA ESCOLA MIGUEL PEREIRA - LAGOA DE
DENTRO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - MONOGRAFIA) apresentado junto à coordenação do curso da 4ª Turma de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Especialista em Geografia. Sob a orientação do Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima

Linha de Pesquisa: Geografia Agrária

**GUARABIRA/PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L456e Lima, Marcilene Barbosa Oliveira de.
Educação do campo e agroecologia como metodologia de ensino na Escola Miguel Pereira - Lagoa de Dentro/PB [manuscrito] / Marcilene Barbosa Oliveira de Lima. - 2020.
42 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Geografia, Território e Planejamento: Urbano, Rural e Ambiental) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima, Departamento de História e Geografia - CH."
1. Agroecologia. 2. Educação. 3. Educação do campo. I.
Título
21. ed. CDD 371.12

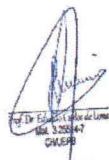
MARCILENE BARBOSA OLIVEIRA DE LIMA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA COMO METODOLOGIA
DE ENSINO NA ESCOLA MIGUEL PEREIRA - LAGOA DE
DENTRO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - MONOGRAFIA) apresentado junto à coordenação do curso da 4ª Turma de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Especialista em Geografia. Sob a orientação do Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima.

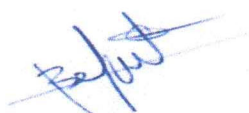
Aprovado em: 17 / 12 / 2020

Banca Examinadora

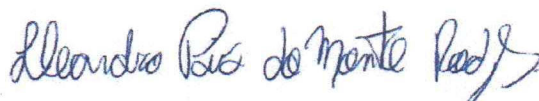


Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima
Mat. 3.258.447
UEPB

Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima - UEPB/CH/DG
Orientador - Doutor em Geografia/UFPE



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - UEPB/CH/DG
Examinador - Doutor em Sociologia/UFCEG/UEPB



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - UEPB/CH/DG
Examinador – Doutor em Geografia/UFRN

A todos que lutam por um mundo mais justo
e por uma educação emancipatória.
Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida, pela coragem e fé que me mantém forte sobre a rocha.

Ao meu esposo Marlon, pelo companheirismo de vida, pelo amor, amizade e cumplicidade de todas as horas, e por nossas intermináveis análises sociais e políticas, Obrigada por tudo meu amor, sempre!

A minha mãe, amiga, educadora apaixonada, profissional dedicada e ser humano incrível, Lusinete Barbosa, minha maior incentivadora da vida.

Ao meu pai Marcos Antônio, um ser maravilhoso, por todos os ensinamentos da vida e por toda paciência de sempre.

A minha amiga, irmã querida que a cada dia me ensina algo novo, minha menina linda, Maria Vitória, obrigada por sempre está comigo em todos os momentos.

Ao meu irmão Marquinho, por tudo que representa na minha vida.

A toda minha família, em especial minha prima, amiga maravilhosa, que está sempre aqui, Gratidão Sarinha.

Ao querido Professor Lima, por todos estes anos de aprendizado, por aceitar ser meu orientador em mais esta etapa, e por ser um amigo para vida, Gratidão pela paciência que tens comigo.

Aos membros da banca examinadora, excelentes professores, Belo e Leandro, pela disponibilidade e paciência que tiveram para analisar meu trabalho.

A minha turma querida, por todo companheirismo, por todo apoio e por tudo que vivenciamos estes anos, serei eternamente grata.

Aos professores dessa Especialização, todos marcaram de uma maneira especial.

A todos o meu muito obrigado!

*Educar é ter esperança.
Amar é ter esperança.
Viver é esposar a esperança.
Viver no Brasil é reafirmar o compromisso com a esperança
para cada aluno e cada jovem que desponta.
Viver é esperar.*

Leandro Karnal

4ª Turma de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental

TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA ESCOLA MIGUEL PEREIRA - LAGOA DE DENTRO/PB

LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA AGRÁRIA

AUTOR(A): MARCILENE BARBOSA OLIVEIRA DE LIMA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima - UEPB/CH/DG

EXAMINADOR: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - UEPB/CH/DG

EXAMINADOR: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - UEPB/CH/DG

RESUMO

Esta pesquisa analisa a Agroecologia como parte da Educação do Campo, a mesma realizou-se na Escola Miguel Pereira, município de Lagoa de Dentro, onde foi possível compreender esta temática a partir do entendimento da educação como maneira de emancipação humana. Desse modo, vimos a agroecologia como metodologia de ensino eficiente para o que se propõe. As premissas iniciais para desenvolver este trabalho foram as seguintes: É possível analisar a tríade dialética, Natureza, Agroecologia e Campesinato e a maneira como estão vinculados? É possível entender e adequar a Agroecologia enquanto emergência metodológica de ensino nas escolas? Esta pesquisa se pautou a princípio em uma análise teórica, intermediada pela pesquisa participativa de campo, em que se buscou compreender os elementos que relaciona a educação do campo com a agroecologia e conceber esta como metodologia de ensino. Entre os autores que serviram como embasamento teórico vale ressaltar, Fernandes e Molina (2004), Gadotti (1992), Freire (1996), Silva e Fagundes (2011), Tardin (2012), Lima (2016), Marx (1968), entre outros. Assim, alguns argumentos teóricos que utilizamos puderam ser alinhados à pesquisa empírica, para poder entender esta temática. Dessa maneira, ficou nítido e expressivo o quanto a Agroecologia pode contribuir para Educação do campo e para ciência geográfica.

Palavras Chave: Agroecologia, educação, educação do campo.

4th Specialization Class in Geography and Territory: Urban, Rural and Environmental Planning

TITLE OF WORK: FIELD EDUCATION AND AGROECOLOGY AS A TEACHING METHODOLOGY AT MIGUEL PEREIRA SCHOOL - LAGOA DE DENTRO / PB

RESEARCH LINE: Agrarian Geography

AUTHOR: MARCILENE BARBOSA OLIVEIRA DE LIMA

SUPERVISOR: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima - UEPB/CH/DG

EXAMINER: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - UEPB/CH/DG

EXAMINER: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - UEPB/CH/DG

ABSTRACT

This research analyzes Agroecology as part of Rural Education, it took place at Escola Miguel Pereira, in Lagoa de Dentro, where it was possible to understand this theme from the understanding of education as a way of human emancipation. Thus, we saw agroecology as an efficient teaching methodology for what is proposed. The initial premises to develop this work were the following: Is it possible to analyze the dialectic triad, Nature, Agroecology and Peasantry and the way they are linked? Is it possible to understand and adapt Agroecology as a methodological emergency of teaching in schools? This research was guided in principle by a theoretical analysis, intermediated by participatory field research, in which it sought to understand the elements that relate rural education to agroecology and to conceive this as a teaching methodology. Among the authors that served as a theoretical basis, it is worth mentioning, Fernandes and Molina (2004), Gadotti (1992), Freire (1996), Silva and Fagundes (2011), Tardin (2012), Lima (2016), Marx (1968), among others. Thus, some theoretical arguments that we used could be aligned with empirical research, in order to understand this theme. In this way, it was clear and expressive how much Agroecology can contribute to Rural Education and geographic science.

Keywords: Agroecology, education, rural education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização geográfica de Lagoa de Dentro- Paraíba Fonte: IBGE	26
Figura 02: Professores e alunos preparando a terra para o plantio de sementes.....	30
Figura 03: Alunos preparando a terra para o plantio de sementes.....	31
Figura 04: Crianças semeando hortaliças.....	31
Figura 05: Crianças semeando hortaliças com a ajuda da gestora escolar.....	32
Figura 06: Crianças já semeando sem a ajuda de adultos.....	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Concepção dos alunos sobre Hortas Agroecológicas.....	28
Gráfico 02: Alunos que tem horta em casa.....	29
Gráfico 03: Concepção dos Professores sobre Hortas Agroecológicas	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CH	- CENTRO DE HUMANIDADES
DG	- DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
ENEM	- EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO
IBGE	- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
UEPB	- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MATERIAIS E MÉTODOS	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1 A EDUCAÇÃO COMO EMANCIPAÇÃO HUMANA.....	16
3.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	19
3.3 AGROECOLOGIA: UM DEBATE FORTALECEDOR	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	25
4.2 REFLEXÕES SOBRE A AGROECOLOGIA E AS ATIVIDADES NA ESCOLA MIGUEL PEREIRA.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES.....	40

1 INTRODUÇÃO

A educação do campo no Brasil necessariamente deve ser analisada pelo contexto histórico, político e ideológico e principalmente sob o processo de concentração histórica do espaço agrário brasileiro, tendo em vista que este se configura como desigual e contraditório, onde estão situadas as diferentes formas de produção das relações de trabalho vivenciadas no campo brasileiro (OLIVEIRA, 2014).

Este estudo analisa a Agroecologia como parte da Educação do Campo, é realizado na Escola Miguel Pereira, município de Lagoa de Dentro, no estado da Paraíba, onde foi possível a partir do entendimento da educação como maneira de emancipação humana, assim, compreendemos a agroecologia como metodologia de ensino eficiente para o que se propõe.

As premissas iniciais para desenvolver este trabalho partiram do seguinte questionamento: É possível analisar a tríade dialética, Natureza, Agroecologia e Campesinato e a maneira como estão vinculados? E se é possível entender e adequar a Agroecologia enquanto emergência metodológica de ensino nas escolas?

Logo obtivemos a resposta que sim, afinal, esta análise foi realizada do ponto de vista de articulações, ou seja, foi necessário compreender na prática, como se produzia o conhecimento por meio da agroecologia, tendo em vista que a escola funciona como um organismo social que tem a responsabilidade de elaborar o conhecimento sistematizado de uma dada realidade concreta, as teorias político-pedagógicas precisam se efetivar na prática cotidiana do ambiente escolar (SILVA e FAGUNDES, 2011).

Esta pesquisa originou-se enquanto requisito para a conclusão do curso de Especialização em Geografia e Território da UEPB/PB, onde tivemos alguns impasses devido a Pandemia que se alastrou pelo mundo neste ano de 2020, no entanto, conseguimos obter êxito para concluir a mesma, assim, ela foi delineada através das inserções em campo, onde se pode intermediar pela leitura e análise de textos e imagens que mostram a eficiência e eficácia da Agroecologia como metodologia de ensino.

Eminentemente, ainda estamos num processo constante de construção do Paradigma da Educação do Campo, deste modo, ele comporta conceitos em que a relação entre campo e cidade vem sendo gerada num processo de

interdependência, com muitas contradições onde a busca de soluções para suas questões devem acontecer por meio da organização dos movimentos socioterritoriais desses dois espaços(OLIVEIRA, 2014).

O que não pode deixar de ser discutido é a relação entre campo e cidade, onde Fernandes e Molina afirmam que “à Educação do Campo compete redesenhar o desenvolvimento territorial brasileiro com desenvolvimento social, cultura, saúde, infraestrutura de transportes, lazer, zelo pelo meio ambiente” (FERNANDES e MOLINA, 2004).

Este trabalho foi estruturado da seguinte maneira: a princípio uma análise sobre a educação, trazendo a ideia de emancipação humana e as ideias de Freire (1996), Gadotti (1992) e Marx (1968), para então compreender que a educação deve ser analisada como um instrumento de transformação social, onde seu entendimento deve partir da premissa que tem a função de capacitar o cidadão para sua emancipação, levando em consideração seus direitos e deveres no âmbito social.

Foi possível trazer para esta discussão, a Educação do Campo, entendida sob o ponto de vista da prática onde relacionamos com a luta de classes, e compreendemos este elemento como ponto chave desta discussão, alguns autores como Fernandes (2013), Iasi (2007), (Viero) e Medeiros (2018) puderam nos trazer embasamento teórico para esta discussão.

Depois destas discussões, compreendemos o conceito de Agroecologia e logo em seguida fizemos uma análise desta, tida como emergência metodológica, onde Silva e Fagundes (2011), Tardin (2012), Lima (2016), entre outros grandes nomes, foram necessários para contextualização desta pesquisa, e o entendimento que agroecologia vem a surgir das práxis camponesas e de povos originários em diálogos de saberes no encontro de culturas, em suas objetivações agrícolas.

Desse modo, alguns argumentos teóricos que utilizamos puderam ser alinhados à pesquisa empírica, para poder entender esta temática. Dessa maneira, ficou nítido e expressivo o quanto a Agroecologia pode contribuir para Educação do campo e para ciência geográfica.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho teve como objetivo compreender a Agroecologia como parte da Educação do Campo, e entender a mesma como metodologia nas escolas do campo, onde se sente a necessidade de romper com o modelo de educação atual fundamentado no capitalismo e trabalhar numa perspectiva agroecológica, para assim pensarmos num novo modelo de sociedade, onde a agroecologia emerge desta necessidade de suprir o papel na construção de um projeto que tenha base no desenvolvimento social, ambiental e econômico, desse modo, percebemos a necessidade da identificação das propostas educacionais vinculadas à agroecologia.

Esta pesquisa a princípio seria realizada na escola do campo do assentamento Zumbi dos Palmares/Mari-PB, no entanto, neste ano de 2020, onde seriam realizadas as aulas de campo para tabulação de material e aplicação de questionários, fomos surpreendidos com a Pandemia do COVID, que mudou por completo nossas vidas e conseqüentemente esta pesquisa.

Desse modo, em 2019, já havíamos feito algumas aulas de campo e coleta de dados por meio de observação indireta e direta com entrevistas, questionários e pesquisas fotográficas na Escola Miguel Pereira, situada na zona Rural do município de Lagoa de Dentro, assim, optamos por dar seguimento a esta pesquisa no município de Lagoa de Dentro, tendo em vista a questão Geográfica, e de saúde para conclusão deste trabalho.

Partindo deste principio é importante salientar, que este trabalho foi construído a partir da realização de um artigo científico, onde se pode expor a educação como forma de emancipação humana e a agroecologia como metodologia de ensino, partindo da premissa das articulações de experiência das pessoas que vivem no campo, pensando assim num modelo de desenvolvimento mais justo e igualitário.

A pesquisa é considerada como participante, pois, na escola que atende cerca de 130 alunos, a pesquisadora trabalhou com os alunos, funcionários, professores e todos que compõem a escola, com aplicação de questionários com professores, alunos do 3º e 4º ano, funcionários e diretora escolar, o ponto de partida desta pesquisa foi o levantamento bibliográfico e documental para constituir o referencial teórico, visando à sustentação da busca de dados através da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A EDUCAÇÃO COMO EMANCIPAÇÃO HUMANA

A educação antes de qualquer concepção deve ser analisada como um instrumento de transformação social, onde seu entendimento deve partir da premissa que tem a função de capacitar o cidadão para sua emancipação, levando em consideração seus direitos e deveres no âmbito social. Pensamos assim, na perspectiva da educação como emancipação humana, entendendo que somos sujeitos, que temos histórias de vida, de luta, e esse direito de lutar nos mantém fortes, para ser resistência frente ao capital e a toda repressão existente (FREIRE, 1996).

Pensar em educação é pensar naqueles menos favorecidos e que precisam entender a educação com criticidade, que precisam pensar com autonomia, pensar a educação como prática de liberdade e compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Neste sentido, Freire enfatiza:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante. Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades. Erros que implicam diretamente visões defeituosas da História e da consciência (FREIRE, 1996, p.51).

Desse modo, pensar na educação é pensar que somos seres capazes de observar e analisar a realidade posta, no entanto, esse conceito de educação não é passado em muitas das escolas, temos um longo caminho a percorrer, tendo em vista que o objetivo ainda não é a emancipação humana, infelizmente, a prioridade é a compreensão dos conteúdos de forma mecânica, sem compreender o processo que nele está envolvido, muitas vezes é mais importante que o aluno passe no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, sem ao menos compreender a geografia

que é produzida no seu espaço de convivência social, entramos assim na discussão de ensino bancário onde é preferível formar mão de obra a formar indivíduos críticos e pensantes. Segundo Freire:

A concepção e a prática “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quer fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade (FREIRE, 1994, p. 47).

Neste tocante, entende-se que apenas uma educação emancipadora conseguirá inverter esta lógica capitalista, através da formação do indivíduo, para que a partir daí ele possa adquirir uma consciência crítica e desalienadora, ou seja, educar para uma nova maneira de enxergar o mundo de conseguir distinguir o que é positivo ou não para sua formação. (OLIVEIRA, 2014)

Assim, devemos pensar em educar para um novo mundo com qualidade humana onde o capital não seja a verdade absoluta que domine os pensamentos e ideais. Gadotti afirma:

A globalização capitalista roubou das pessoas o tempo para o bem viver e o espaço da vida interior, roubou a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas: cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital. Educar para um outro mundo possível é fazer da educação, tanto formal, quanto não-formal, um espaço de formação crítica e não apenas de formação de mão-de-obra para o mercado; é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua forma hierarquizada numa estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto, é uma educação para a sustentabilidade (GADOTTI, 1992, p 35).

Ainda podemos ver em Marx trabalhos sobre a natureza da educação, onde em sua obra célebre mostra algumas ‘Instruções’, quando analisa a da legislação fabril inglesa, ainda assim, Marx especifica o que ele entende por educação:

Partindo deste ponto, dizemos que nenhum pai nem nenhum patrão deveria ser autorizado a usar trabalho juvenil, exceto quando combinado com educação. Por educação entendemos três coisas: Primeiramente: *Instrução intelectual*. Segundo: *Educação física*, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar. Terceiro: *Instrução politécnica*, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios. Um programa gradual e progressivo de instrução intelectual, física e politécnica deve corresponder à classificação dos trabalhadores entre 9 e 17 anos nas três faixas etárias indicadas. Com exceção da primeira classe, os custos das escolas politécnicas deveriam ser em parte pagos pela venda dos seus produtos. A combinação de trabalho produtivo remunerado, formação intelectual, exercício físico e instrução politécnica, elevará a classe operária bastante acima do nível das classes superior e média. É evidente que o emprego de todas as pessoas dos 9 aos 17 anos (inclusive) em trabalho noturno e em todos os ofícios nocivos à saúde tem de ser estritamente proibido por lei (idem) (MARX, 1968, p. 553).

A concepção de mundo, de homem e de sociedade elaborada por Marx, que está na base da pedagogia, parte da constatação do homem como um ser corporal que se produz materialmente ao produzir seus meios de existência. Neste contexto, pode-se citar Saviani (2003), trazendo à tona a ideia de que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, assim a educação acontece porque os seres humanos não têm a sua existência garantida naturalmente, pois, para garantir, produzir e reproduzir a sua existência, a humanidade precisa transformar a natureza na direção de suprir as suas necessidades, o que faz realizando ações adequadas aos objetivos, pelo e através do trabalho.

Neste processo, cria-se o mundo humano, homens e mulheres tornam-se seres sociais e aprendem a viver em sociedade. A este processo de prática e de aprendizado podemos chamar de educação (OLIVEIRA, 2014).

Desse modo, a educação não se restringe à escola, ela faz parte de uma construção humana, histórica e social, assim, reduzir o processo educativo à escola significa confinar a educação ao que acontece na sala de aula. Desse modo, é preciso discutir as idéias de Paulo Freire e colocá-las na prática, pensando assim numa educação para formação crítica e contrária a educação bancária.

3.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação do campo trata-se de um paradigma que vem ganhando a cada dia espaço em nossa sociedade, trata-se também de uma modalidade de ensino voltada à educação de crianças, jovens e adultos que vivem no campo e protagonizada pelos trabalhadores do campo.

De acordo com Caldart (2012):

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública (CALDART, 2012, p. 257).

Entendemos Educação do Campo sob o ponto de vista da prática, onde relacionamos com a luta de classes, e compreendemos este elemento como ponto chave desta discussão, tendo em vista que a luta de classes segue representada aqui pelos diferentes projetos e/ou pontos de vista para o campo. De acordo com Ferreira (2012):

Educação do e no campo, portanto, tem que ser analisada aqui numa perspectiva determinada para formação da consciência e libertação da classe trabalhadora, dentro do marco da emancipação social, na busca da superação do capitalismo. Assim, não pode ser entendida apenas como um direito social a ser conquistado no Estado burguês ou dentro do viés diferencialista de valorização e respeito cultural, mas, principalmente, num horizonte de luta pela igualdade, ou seja, um meio (não o único) para contribuir na transformação da realidade brasileira, da liberdade da classe trabalhadora do julgo do Estado capitalista (FERREIRA, 2012, P. 04).

Ainda neste contexto, (Caldart 2012), infere que esta concepção exposta sobre educação do campo entra sempre em confronto com a educação rural, desse modo, não há como fugir da discussão de luta de classes, onde nesta perspectiva podemos pensar em duas pedagogias, a pedagogia do trabalho - relacionada à educação do campo, e de outro lado a pedagogia do capital – relacionada à educação rural.

Desse modo, a Educação do Campo tem um caráter emancipador do trabalhador como pessoa humana, sendo construído através das contradições vigentes no campo, o Agronegócio, por sua vez não se caracteriza como uma dos campos da Educação do campo, pois, este se apresenta como controlador e incompatível com a ideologia proposta pela Educação do campo e por muitas vezes desumano. Assim, os campos a serem trabalhados e analisados na Educação do Campo e são onde estão territorializados segundo Viero e Medeiros 2018:

O campo da Educação do Campo é onde estão territorializados:

- os movimentos socioterritoriais camponeses,
- a Reforma Agrária,
- a agroecologia,
- a Soberania Alimentar,
- os agroecossistemas complexos,
- a cultura camponesa etc (VIERO e MEDEIROS, 2018, p. 84).

Ainda é possível perceber que sob a ótica do Agronegócio não podemos pensar em sujeitos que superem as relações capitalistas, mas em sujeitos que dialoguem com a reprodução capitalista, dessa maneira, não devemos jamais relacionar a Educação do Campo no sentido de Emancipação Humana com o Agronegócio, pois este defende a permanência direta e/ou indireta das desigualdades sociais como consequência da manutenção de uma sociedade de classes. Sobre o Agronegócio, Fernandes afirma:

O processo de construção da imagem do agronegócio oculta seu caráter concentrador, predador, expropriatório e excludente para dar relevância somente ao caráter produtivista, destacando o aumento da produção, da riqueza e das novas tecnologias. Todavia, a questão estrutural permanece. Do trabalho escravo à colheitadeira controlada por satélite, o processo de exploração e dominação está presente, a concentração da propriedade da terra se intensifica e a destruição do campesinato aumenta (FERNANDES, 2013, p. 216).

É perceptível que a educação do campo e o agronegócio são considerados territórios de disputa, onde aqui defendemos uma educação do campo emancipatória, que objetiva superar as contradições impostas pelo capitalismo, materializado no Agronegócio. Sobre a emancipação humana, Iasi afirma:

A emancipação humana exige que os seres humanos assumam o controle consciente de sua existência, superando as mediações que

impedem a percepção de sua história como fruto de uma ação humana, o que só deverá ocorrer com a superação do capital, do Estado e do mercado, e não a adequação gradual ao desenvolvimento sociometabólico do capital, por meio de políticas caritativas e compensatórias, cujo objetivo é a manutenção das desigualdades sociais (IASI, 2007, P. 69).

Além de buscar as melhores condições de vida para os trabalhadores do campo, a Educação do Campo busca a garantia da permanência do homem e sua família no meio rural, para que ali ele possa viver e construir uma relação de reciprocidade com a terra, onde ele possa plantar e possa colher, assim pensamos no modelo de produção Agroecológico, pois pensar assim é pensar numa nova sociedade com outros desdobramentos.

3.3 A AGROECOLOGIA: UM DEBATE FORTALECEDOR

O debate sobre agroecologia vem crescendo constantemente, pois, ela relacionada diretamente à ideia de sustentabilidade. Neste sentido ela parte de duas ciências: a ecologia e a agronomia (GLIESSMAN, 2001, p. 55), falamos assim da aplicação de práticas ecológicas na agricultura, trazendo à tona a ideia de sustentabilidade que ressalta a responsabilidade ambiental, social e econômica na busca de uma maneira de produção voltada ao bem comum.

Assim Silva e Fagundes afirmam que:

A agroecologia carrega em seu interior, além da preocupação com o equilíbrio de agroecossistemas, a responsabilidade de tentar servir de alternativa para a busca de um novo caminho de desenvolvimento sócio econômico, principalmente para os países em desenvolvimento. Diferente da agricultura orgânica, biológica, natural ou da biodinâmica, que visam basicamente produzir alimentos mais saudáveis a custos menores, a agroecologia tem consigo uma preocupação maior e bem centrada nas questões sociais (SILVA; FAGUNDES, 2011, p. 07).

Então, torna-se necessário entender que a agroecologia vem a surgir das práticas camponesas e de povos originários em diálogos de saberes no encontro de culturas, em suas objetivações agrícolas, com as quais interagem contemporaneamente determinadas práticas acadêmico-científicas (FREIRE, 1967).

Desse modo, pode-se inferir que com essa interação, a agroecologia proporciona que as mundividências camponesas problematizem o universo intelectual, acadêmico e científico e sejam por ele problematizadas (LIMA, 2016). Segundo Tardin (2012):

Consistem em demandas ímpares à objetivação de agroecossistemas cada vez mais sustentáveis sob orientação da agroecologia e capazes de alargar as relações com a classe trabalhadora urbana, ofertando-lhe alimentos de elevada qualidade biológica – alimentos para a vida –, além de outros produtos isentos de qualquer substância contaminante e periculosa e ainda livres de processos de trabalho e tecnologias degradantes do ser humano e depredadores da natureza. (TARDIN, 2012, P. 37)

A agroecologia de acordo com Gliessman é também "o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é um agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável" (GLIESSMAN, 2006, p. 56). Dessa maneira Tardin enfatiza que:

(...) é imperiosa a necessidade de, ao mesmo tempo em que se vai reconstruindo agroecossistemas e territórios agroecológicos cada vez mais sustentáveis, que se realizem pesquisas, estudos, debates que qualifiquem a compreensão da ordem social burguesa – o capitalismo – nas suas formas históricas e atuais de exploração do trabalho humano e de depredação da natureza. A agroecologia demanda, assim, uma apreensão histórica, societária e planetária, e não só singular, particular e específica do campo e do campesinato (TARDIN, 2012, p. 04-05).

Sabe-se também que a agroecologia e outras expressões de agricultura ecológica e natural não estão isentas das disputas, seja dos detentores do capital que delas vem-se apropriando como oportunidade de negócios, seja de segmentos diversos da sociedade – ambientalistas, acadêmicos, pesquisadores, consumidores, entre outros, que muitas vezes se orientam por concepções e posicionamentos contrários às lutas camponesas que são efetivadas em permanente combate consciente ao capital. (TARDIN, 2012)

No que corresponde à metodologia de ensino, por meio da Agroecologia, vinculada ao mundo do trabalho nos territórios camponeses, ressalta-se que somente a Agricultura Familiar possibilita com propriedade esse conjunto de ações

coordenadas na educação escolar do campo. Como prática de ensino, viabiliza a qualidade social dos povos do campo, por meio das articulações de experiências, estudos tradicionais dos seus antepassados e ecologicamente sustentável. Neste sentido é possível entender a prática agroecológica como a aplicação de um conjunto de ações práticas e teóricas que objetivam a produção agrícola limpa, sem o uso de agroquímicos. (LIMA, 2016. p.03)

Portanto, essa prática configura o uso racional do solo e da água com o uso de corretivos e defensivos orgânicos na manutenção das culturas locais, propondo o modo de produção e de vida sustentável do campesinato. Segundo Silva e Fagundes:

A agroecologia se coloca, sobretudo em uma perspectiva real concreta de reorganização do território baseado em valores camponeses, que se manifestam na cultura, na política, na economia, e em outras dimensões da vida. A educação é o meio pelo qual a política econômica se efetiva na sociedade, sendo assim um projeto político econômico de organização do território camponês, exige uma educação camponesa que vá para além da instituição escola, ou seja, vários espaços e momentos de uma determinada comunidade camponesa se transformam em educativos, como por exemplo, o mutirão, a igreja, a festa... e a própria escola. Isto não significa que estamos descartando esta instituição social, muito pelo contrário, estamos redimensionando sua função sócio-histórica (SILVA e FAGUNDES, 2011, p. 10).

A agroecologia implica de forma direta e necessária a sustentabilidade. Sua grande meta é proporcionar conhecimentos que orientem a objetivação de agroecossistemas com crescente sustentabilidade.

Neste sentido, os agroecossistemas são objetivações das práxis de sujeitos humanos, há que se captar suas exteriorizações e objetivações materiais e imateriais, demandando da agroecologia interagir em um amplo campo de conhecimentos e se expressar em diversas dimensões que orientam a avaliação qualitativa da sustentabilidade (LIMA, 2016).

De acordo com Caporal e Costabeber, 2002, com essa gama de dimensões, pode-se dizer, concordando com o comumente posto por agroecólogos, que a sustentabilidade diz respeito à “capacidade de um agroecossistema manter-se social e ambientalmente produtivo ao longo do tempo”. Segundo Foladori:

Na versão de sustentabilidade oriunda da ONU, indicam-se os macroproblemas da crise ambiental centrando-se em três temáticas: a superpopulação, a escassez de recursos e a poluição do meio ambiente, ou seja, esferas apresentadas como limites externos ao capital. Porém, na verdade, são problemas ambientais da sociedade humana resultantes da sua organização econômica e social, na qual qualquer problema aparentemente externo se apresenta primeiro como um conflito no interior da sociedade humana, sendo esta diferenciada, conflituosa, que interatua com seu entorno a partir de classes sociais e grupos em aliança e em oposição, com possibilidades e interesses diferentes e muitas vezes opostos (FOLADORI, 2001, p. 101-102).

Neste sentido, foi necessário compreender na prática, como se produzia o conhecimento por meio da agroecologia, onde aqui entendemos que a escola funciona como um organismo social que tem a responsabilidade de elaborar o conhecimento sistematizado de uma dada realidade concreta, as teorias político-pedagógicas precisam se efetivar na prática cotidiana do ambiente escolar (SILVA e FAGUNDES, 2011).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O município de Lagoa de Dentro está localizado no Estado da Paraíba na Região Geográfica Imediata de Guarabira. Seu território está localizado na faixa de transição, conhecida como Agreste, e está incluída na zona do polígono das secas. Ocupa no Estado o 129º lugar, com uma área de 106 km². Sua distância à Capital Paraibana (João Pessoa) é de 98 km e encontra-se a 700 metros do nível do mar.

Limita-se: ao Norte com o Município de Caiçara (16 km), ao Sul com o Município de Duas Estradas (05 km), ao Leste com o Município de Pedro Régis (10 km), ao Oeste com o Município de Serra da Raiz (09 km), ao Noroeste com o Município de Jacaraú (12 km) e ao Sudoeste com o Município de Curral de Cima (20 km) (SILVA, 2004).

Segundo a tradição oral e popular, o nome do município deu-se devido à lagoa que existe no meio da cidade. Há muito tempo atrás houve um extremo período de seca na região, entretanto, alguns criadores de porcos da referida cidade constataram que seus animais sempre chegavam molhados e com os pés enlameados, mesmo diante da grande escassez de água no período. E eis que seguiram os animais e encontraram uma lagoa dentro da floresta, daí o nome *Lagoa de Dentro*.

O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), por sua vez, afirma que o município possui 7. 619 habitantes numa densidade demográfica de 87,21 hab./km² e área territorial de 84,508 Km².

Menciona, ainda, que não há uma data certa de fundação do município, mas existem indícios de que em 1880 já existiam no local de 10 a 12 casas erguidas por bravos pioneiros, porém, só conseguiu a emancipação em 1961 por meio da lei estadual nº 2614, de 11-12-1961. É sabido que, algumas das casas citadas pertenciam a José Cardoso, José Batista, Bevenuto Ferreira de Lima, Francisco Costa, Joaquim Freire de Amorim, Antônio Fernandes e Manoel Prégio, conforme figura abaixo:



Figura 1. Localização geográfica de Lagoa de Dentro- Paraíba Fonte: IBGE (Censo 2010).

A pesquisa foi realizada no município de Lagoa de Dentro, na escola municipal Miguel Pereira, no que concerne a pesquisa qualitativa, Moresi (2003), afirma que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador (MORESI, 2003, p.9).

4.2 REFLEXÕES SOBRE A AGROECOLOGIA E AS ATIVIDADES NA ESCOLA MIGUEL PEREIRA¹

A EMEIF Miguel Pereira, fundada no ano de 1963, na administração do Sr. Acrísio Vieira e o Sr. Severino Calisto da Silva, localizada no Sítio Lagoa do Meio, no Município de Lagoa de Dentro, onde a mesma atende ao alunado do ensino infantil, fundamental I, PEJA e EJA, tendo como diretora Lusinete Barbosa da Silva Oliveira.

A escola trabalha com a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA), oferecendo uma educação de qualidade com ótimos professores, obedecendo ao PPP, documento feito por todos da escola e que funciona como documento principal.

Nesta pesquisa, foi observada esta escola situada na zona rural, Sítio Lagoa do Meio, do município de Lagoa de Dentro, trata-se da Escola Miguel Pereira, de pequeno porte, onde atende cerca de 130 alunos nos três turnos.

Pretende-se aqui entender e discutir a Agroecologia como metodologia de ensino, partindo desta premissa, foi possível compreender que a Horta Agroecológica trata-se de um sistema onde as plantas, hortaliças, folhagens e leguminosas que são cultivadas seguindo seu fluxo natural, ou seja, vem trazer um ponto de equilíbrio entre as culturas plantadas.

Sobre as hortas agroecológicas, Roese e Curado afirmam que:

Diversas vantagens podem ser obtidas através dessa prática, como: o incremento da quantidade e da qualidade de alimentos disponíveis para consumo através do completo controle de todas as fases de produção, eliminando o risco do manuseio e do consumo de plantas que contenham resíduos de defensivos agrícolas; a utilização de resíduos e rejeitos domésticos pela reciclagem, tanto na forma de composto orgânico para adubação, como na reutilização de embalagens para formação de mudas; o melhor aproveitamento de espaços ociosos, evitando o acúmulo de lixo e entulhos ou o crescimento desordenado de plantas daninhas; a recreação e o lazer advindos de uma atividade recreativa/lúdica, sendo recomendada para o desenvolvimento da sociabilidade de comunidades (ROESE & CURADO, 2004 p. 2).

¹ Este TCC foi baseado num Artigo Científico, publicado no II CREPESG – Congresso Regional de Grupos de Pesquisa em Geografia, na cidade de Guarabira/PB. Estes dados foram obtidos através de Aula de campo realizadas no ano de 2019, tendo em vista a Pandemia, não pudemos atualizar estes dados no ano de 2020, desse modo, este TCC encontra-se com os dados de 2019.

Assim, para Carvalho (2001 p. 43) a educação ambiental vem sendo incorporada como uma prática inovadora em diferentes âmbitos. O que possibilita ampliar o leque de oportunidades no ensino da educação ambiental na escola. Foi possível perceber por meio das observações feitas na escola, que os alunos são filhos de agricultores, e no município de Lagoa de Dentro a atividade predominante é agrícola, tendo como referencia o cultivo do abacaxi.

Outro fato que nos instigou bastante foi à grande quantidade de agrotóxicos e fertilizantes que são usados nas plantações pelos pais dos alunos em seus sítios, desse modo, este trabalho vem a surgir como necessário para que estes alunos possam compreender que existem maneiras mais sustentáveis de produção de alimentos, e que em breve eles estarão diretamente trabalhando com seus pais, portanto, apresentar outras tecnologias usadas na agricultura pode ser uma alternativa de diminuição do uso de agrotóxicos e fertilizantes nas lavouras, para que assim tenha uma agricultura mais sustentável.

No gráfico abaixo é mostrada a percepção dos alunos sobre as hortas agroecológicas, onde realizamos a aplicação de questionários com os alunos do 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental:

Gráfico 01: Concepção dos alunos sobre Hortas Agroecológicas
Fonte: Trabalho de Campo na Escola Miguel Pereira/PB - 2019.



Org.: Marcilene Barbosa Oliveira de Lima

É perceptível que poucos alunos ainda não têm um entendimento correto do que sejam as hortas Agroecológicas, estas que podemos citar aqui como alternativas sustentáveis para os agricultores. Desse modo, foi possível perceber que 86% destes sabem o que são as hortas agroecológicas e apenas 14% não tem conhecimento teórico do que seja.

Outro questionamento instigante foi se eles têm horta em suas casas? Conforme no gráfico a seguir:

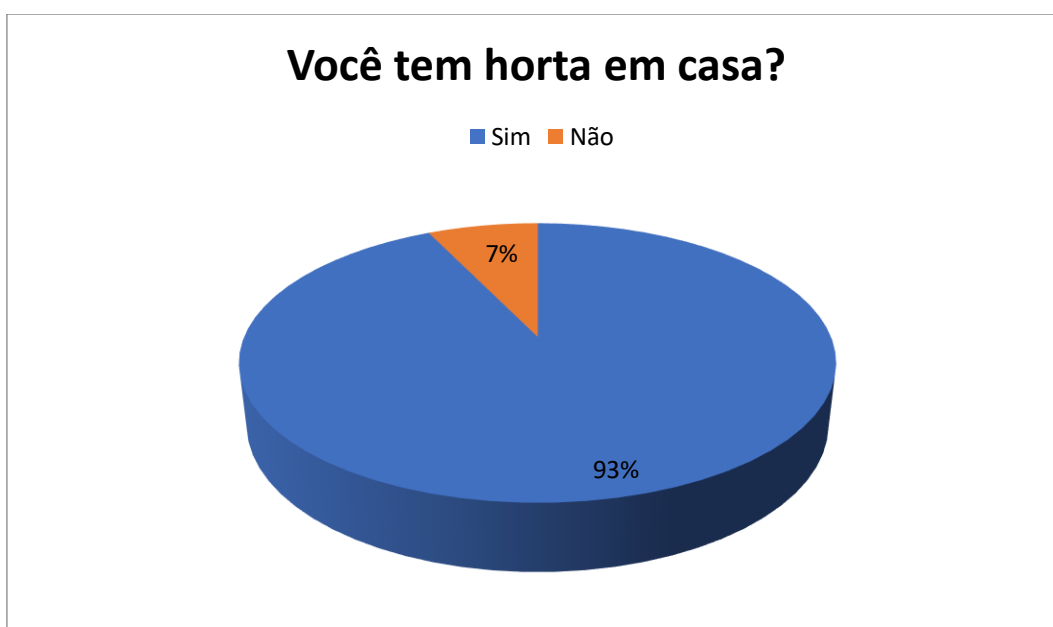


Gráfico 02: Alunos que tem horta em casa
Fonte: Trabalho de Campo na Escola Miguel Pereira/PB - 2019.
Org.: Marcilene Barbosa Oliveira de Lima

Neste tocante, as hortas agroecológicas ajudam e incentivam os jovens a permanecerem no campo, de modo que tenha ênfase no desenvolvimento humano, ou seja, fundamentado numa proposta pedagógica de incentivo a estes educandos.

Nesta ocasião desta pesquisa, os professores, juntamente com os funcionários e alunos estavam preparando o solo para o plantio de uma horta, nas fotos 01 e 02 é mostrado o momento em que é feito o preparo da terra para plantio, mostrando que o contato é essencial e produz um vínculo e uma relação de reciprocidade com a terra, mostrando também a alegria e empenhos destes alunos.

Figura 02: Professores e alunos preparando a terra para o plantio de sementes



Aula de campo, 2019

Em conversa com os alunos M.S. e J.P.S.O., que ajudaram a preparar a terra, foi possível questionar sobre o que eles achavam desse projeto e dessa maneira de aprender, eles, espontaneamente responderam:

Eu acho que a gente aprende muito mais assim do que na sala de aula, a minha mãe fez uma horta em casa, mas ninguém cuidou e acabou cheia de praga, agora eu acho que essa daqui da escola, vai dar certo, porque todos vão ajudar e não vamos deixar criar pragas, e outra coisa, eu gosto muito de mexer na terra, me faz bem (J.P.S.O, aluno do 4º ano).

Eu mesmo achei foi bom, eu nem esperava, mas chegou a professora e o pessoal dizendo que a gente precisa se alimentar bem, e eu sei que se alimentar mal “dá” muitas doenças, eu que não quero ficar doente, não gosto muito de comer folhas, mas se for pra não adoecer, eu como sim (riso) (M.S., aluno do 4º ano).

Figura 03: Alunos preparando a terra para o plantio de sementes



Aula de campo, 2019

É notável, o interesse destes alunos em atividades voltadas à horta e a preocupação com uma alimentação saudável, afinal, muitas doenças atuais, a exemplo do câncer, ocorrem devido a erros alimentares, que podem ser corrigidos por uma alimentação livre de agrotóxicos e produtos químicos.

Figura 04: Crianças semeando as hortaliças



Aula de Campo, 2019

Figura 05: Crianças semeando hortaliças com a ajuda da gestora escolar



Aula de Campo, 2019

Figura 06: Crianças já semeando sem a ajuda de adultos



Aula de Campo, 2019

Nesta oportunidade, era imprescindível falar com os professores sobre a importância e eficácia deste projeto na escola, afinal, trata-se de um processo em construção que tende a mudar de maneira efetiva a visão destes sobre a maneira de

educar, e sobre os métodos de ensino, questionou-se sobre o trabalho com hortas agroecológicas em situações anteriores, conforme no gráfico a seguir:

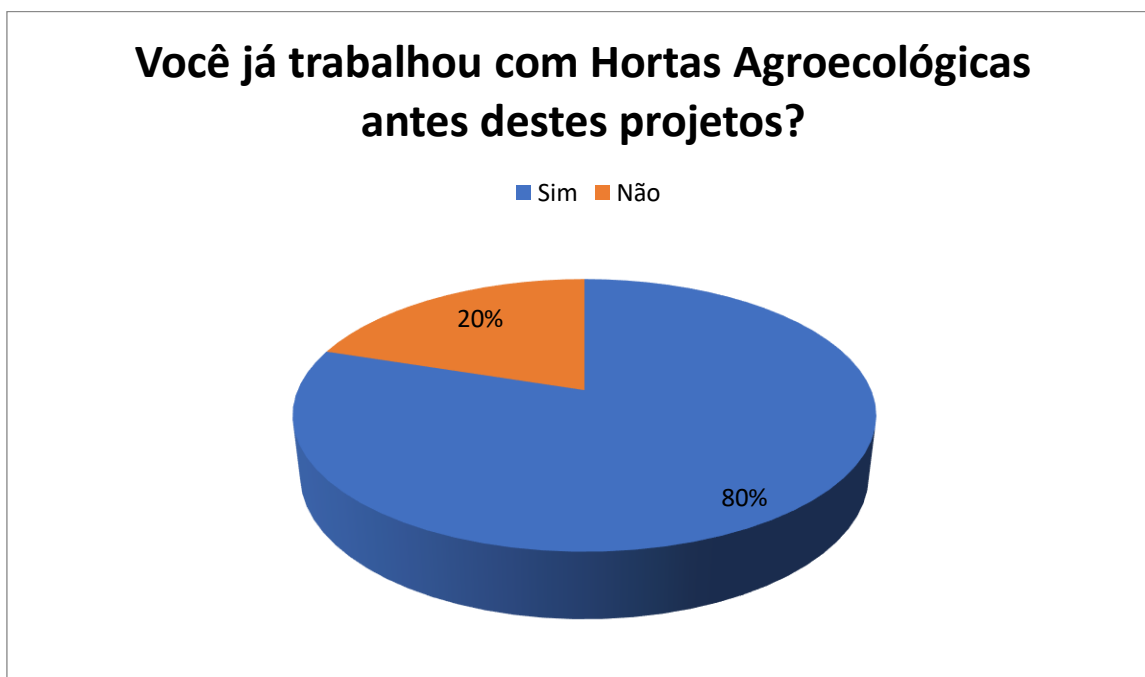


Gráfico 03: Concepção dos Professores sobre Hortas Agroecológicas
Fonte: Trabalho de Campo na Escola Miguel Pereira/PB - 2019.
Org.: Marcilene Barbosa Oliveira de Lima

Foi possível perceber que 80% dos professores já trabalhavam com hortas Agroecológicas, onde alguns afirmam a eficácia desta, enquanto metodologia de ensino, de acordo com a Professora Lusinete Oliveira:

Falar em Agroecologia, é falar na maneira mais linda, simples e complexa de ensinar aos nossos pequenos, precisamos de metodologias que tragam antes de qualquer coisa o prazer pelo aprendizado, e com a agroecologia, podemos ensinar matemática, geografia, ciências e tantas outras disciplinas de uma maneira em que os nossos alunos se sentem produtores do próprio saber, isso é muito gratificante (Lusinete Oliveira, Professora)

É perceptível a alegria da professora para trabalhar com as práticas agroecológicas, ainda ela mostra a necessidade de trabalhar com metodologias que proporcionem o aprendizado dos alunos, ela ainda firma que a agroecologia proporciona o ensino de diversas disciplinas. Sobre um questionamento que foi feito sobre a importância deste projeto, as professoras responderam:

Este projeto é encantador, a princípio tínhamos uma vaga ideia de como trabalhar, mas foi desenvolvido um projeto com a Prefeitura, por meio da pasta de meio ambiente, trazendo sementes e mostrando a nossos alunos a importância de uma alimentação saudável e o cuidado com a terra, tratando da importância e da necessidade de, a cada dia cuidar do nosso meio ambiente, afinal, somos parte desse meio e precisamos tomar consciência do que está acontecendo com nosso planeta. (Alexsandra Alves, Professora)

Sempre quis montar uma horta na escola, e ultimamente, tenho tido uma preocupação muito grande com minha saúde, desse modo, me preocupo com a saúde daqueles que me cercam. Assim, esse projeto veio no momento certo, tendo em vista que nosso País passa por uma crise, não apenas financeira, mas alimentícia, nós nunca temos nos alimentado tão mal quanto nos últimos anos, estamos esquecendo de descascar e só estamos desembulhando, precisamos mudar essa realidade, e nossos alunos serão instrumentos dessa mudança e dessa nova maneira de enxergar a vida na terra. (Lusinete Oliveira, Gestora Escolar)

É gratificante para um pesquisador encontrar professores e gestão escolar aptos a contribuir não só com a pesquisa, mas com um mundo melhor. Na fala da gestora escolar ela deixa bem claro que se precisa mudar os hábitos, e assim é possível compreender que os alimentos são capazes de nutrir, e capazes de matar, no entanto, o que permeia a curiosidade é saber se o agronegócio tem interesse em manter essa relação de reciprocidade com a terra, ou se o pensamento é apenas monetário.

Com este trabalho é possível elucidar que parte do que foi possível conhecer e entender sobre Agroecologia, será multiplicado pelos alunos em suas casas, em sua comunidade e principalmente há uma esperança de melhora no manejo da agricultura pelos seus pais, entramos assim na ideia de conscientização, que segundo Zitzke:

A conscientização constitui-se no objetivo primeiro da educação ambiental, que visa ampliar o nível de consciência dos indivíduos e grupos sociais organizados de modo que possam perceber os problemas socioambientais e entender as relações delicadas entre a sociedade e a natureza. Isto significa que a educação ambiental tem o compromisso de alertar não só para os problemas da realidade imediata, mas também para aquelas que afetam a todos. Problemas que, apenas na aparência, estão distantes da realidade dos indivíduos e dos grupos sociais ZITZKE (2002: p.179).

Porquanto, é possível elucidar que eminentemente estamos na busca constante da construção de uma sociedade mais consciente e nesta busca, não conseguimos enxergar espaço ecologicamente correto para o “Agro”, pois este só contribui para formação de uma sociedade capitalista, má nutrida, sem sentimento de pertencimento e muito menos sem vontade de cuidar da terra, é preciso entender que a educação emancipa o cidadão, mas se não for adequada a metodologia de ensino para o aprendizado dos alunos essa construção de conhecimento não vai acontecer de maneira satisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção deste trabalho monográfico foi possível verificar as possíveis inter-relações entre várias vertentes do campo geográfico, onde exploramos a geografia agrária, sob a ótica da Educação do Campo, sendo assim, é importante ressaltar que a pesquisa se pautou a princípio em uma análise teórica, intermediada pela pesquisa participativa de campo, em que se buscou compreender os elementos que relaciona a educação do campo com a agroecologia e concebe esta como metodologia de ensino.

A partir de uma construção didática e metodológica, a agroecologia está inserida na educação do campo, viabilizando uma troca de conhecimentos entre os alunos, professores, funcionários, agricultores e todos interessados na temática e preocupados com o desenvolvimento de uma agricultura mais sustentável que vise o bem humano e não o lucro.

Neste contexto, é necessário que haja uma ruptura com o sistema de ensino proposto, tendo em vista que a agroecologia viabiliza a qualidade social dos povos do campo, por meio das articulações de experiências, estudos tradicionais dos seus antepassados e ecologicamente sustentável e educar é mais que uma tarefa, trata-se de uma missão cheia de desafios, que pode levar o homem ao seu empoderamento e sua emancipação humana.

Quando utilizamos os depoimentos e imagens fotográficas daqueles que participaram desta pesquisa, percebemos que a Agroecologia implica de forma direta e necessária a sustentabilidade. Sua grande meta é proporcionar conhecimentos que orientem a objetivação de agroecossistemas com crescente sustentabilidade.

Foi necessário analisar alguns conceitos, como educação do campo, agroecologia, agronegócio, agricultura camponesa para entender que existe uma omissão de conteúdos e realidades necessárias para que o aluno enxergue a sua realidade além do que ela aparenta, pois, pensar agroecologicamente, vai além de pensar na agricultura, na ecologia, ou no meio ambiente, é pensar no ser humano como produto de sua realidade e fator determinante na mudança da mesma.

Sabendo assim, que ainda temos um longo caminho a percorrer a frente desta discussão, que vem a ser um grande desafio para uma sociedade tão “agro” e ao mesmo tempo tão necessitada de formação condizente com sua realidade.

REFERENCIAS

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 2ª ed. Porto Alegre: ed. Universidade, 2000.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de DIDIO, L. Brasília; Plano Editora, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v.1, n.1, p.16-37, jan./mar. 2002.

CALDART, R. et al. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FAGUNDES, L.F. Agroecologia. Revista Reforma Agrária & Meio Ambiente, Brasília, ano 1 – nº 1 p. 16 – 20, Nov. 2006.

FERNANDES, B. M. Sobre a Tipologia de Territórios. In: Saquet, Marco Aurélio; Sposito, Eliseu Savério. (Org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. A pesquisa em Educação do Campo, v. XX, p. X-I, 2006.

FERNANDES, Bernardo M., MOLINA, Mônica C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica C.; JESUS, Sônia Meire S. A. de. (orgs). Por Uma Educação do Campo. Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo. Cad. 5. Brasília: 2004.

FERREIRA, Cléber Eduão. EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO AFIRMAÇÃO DO PROJETO EMANCIPATÓRIO: Contribuições e contradições da Pedagogia do MST. Revista Eletrônica de Culturas e Educação N. 6 - V.2 - p. 29-45 - Ano III (2012) - Set.-Dez. -

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. 184 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2008.

FOLADORI, G.. Limites do desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial. 2001

GLIESSMAN, S. R. Quantifying the agroecological component of sustainable agriculture: a goal. In: GLIESSMAN, S. R. (ed.). *Agroecology: researching the ecological basis for sustainable agriculture*. New York: Springer - Verlag, 1990. p.366-399.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, M. A. (Ed.). *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária; AS-PTA, 2002. p. 21-51.

IASI, Mauro Luís. *As metamorfoses da consciência de classe*. São Paulo: Expressão Popular, 2007

JORNADA de Agroecologia. Carta da 16ª Jornada de Agroecologia. Página Eletrônica. Disponível em: <https://jornadadeagroecologia.org.br/2017/09/29/carta-politica-da-16a-jornada-de-agroecologia-keno-vive/> Acesso em: 10 de novembro de 2020.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Trad. Otto E. W. Maas. Rio de Janeiro: Laemmert, 1986.

KOLLING, Edgar J.; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli S. *Por uma educação do campo: identidades e políticas públicas*. 2. ed. Brasília, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sergio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5 ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LIMA, Edvaldo Carlos de. *Os Movimentos Sociais de Luta pela Terra e pela Reforma Agrária no Pontal de Paranapanema (SP): dissidências e Dinâmica Territorial*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente: Unesp, 2006.

LIMA, Edvaldo Carlos de. *Educação do campo e os desafios para a superação do paradigma tradicional de ensino na construção das escolas do MST no Semiárido Paraibano: práticas agroecológicas como metodologia de ensino*. IV Congresso Nacional de Educação. Pesquisa de Pós-Doutoramento em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – PR, 2016.

MARCONDES, M. E.; BRIZA, M. *Cenário mundial: sociedades sustentáveis*. Editora Scipione: São Paulo, 1994.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOUSINHO, Patrícia. Alguns conceitos de educação ambiental. In: TRIGUEIRO, A. (Coord.) Meio ambiente no século 21. Rio de Janeiro: Sextante. 2003. Disponível em <http://pga.pgr.mpf.gov.br/educação/alguns-conceitos>. Acesso em 12 de julho. 2017. .

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Agricultura camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Marcilene Barbosa da Silva. Educação do Campo na Perspectiva da Geografia Agrária. Monografia. UEPB: Guarabira, 2014.

RAFFESTIN, Claude. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ROESE, A. D.; CURADO, F. F. A contribuição da agricultura urbana na segurança alimentar comunitária em Corumbá e Ladário, MS. IV Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do pantanal. Corumbá/MS-23-26 de Novembro de 2004.

ROSSET, Peter M. Mirando hacia el futuro: La Reforma Agraria y la Soberanía Alimentaria. Revista Internacional de Ciências Sociales. Nº 26 / 2007.p.167 – 182.

SAVIANI, Dermeval. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. 10. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Aloisio Souza da. FAGUNDES, Leandro Feijó. AGROECOLOGIA & EDUCAÇÃO DO CAMPO. Boletim DATALUTA – Artigo do mês: maio de 2011. ISSN 2177-4463

SILVA, Rosimeri Alves da. História e Geografia do Município de Lagoa de Dentro – PB. 2004, 1ª Ed. 91 p.

TARDIN, J. M. Cultura camponesa. In: CALDART, Roseli S. et. al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

THOMAZ JUNIOR. Antonio. Reestruturação produtiva do capital no campo, no século XXI, e os desafios para o trabalho. In: Revista PEGADA. Presidente Prudente: Departamento de Geografia/Unesp, v. 1 e 2, nº 5, 2004

VIERO, Janisse; MEDEIROS, Liziany Müller. Princípios e concepções da Educação do campo. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 1º Ed. 2018

ZITZKE, V. A. Educação Ambiental e Ecodesenvolvimento. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Carreiros, Rs. V. 09, p. 175-188, julho a dezembro de 2002.

APÊNDICES



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
4ª TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO:
GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E
AMBIENTAL**

QUESTIONÁRIO (ALUNOS):

Nome: _____

Série: _____

Endereço: _____

Idade: _____

1. Você sabe o que é meio ambiente?

2. Você já ouviu falar em Agroecologia?

3. Você sabe o que são Hortas Agroecológicas?

4. Na sua casa tem horta? Você sabe cuidar?

5. Você se considera uma pessoa de hábitos saudáveis? Gosta de verduras e leguminosas?

6. Você acha desse projeto? Ele facilita sua maneira de aprendizagem?



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
4ª TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO:
GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E
AMBIENTAL**

QUESTIONÁRIO (FUNCIONÁRIOS):

Nome: _____

Endereço: _____

Cargo e Função que exerce: _____

1. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

2. Você se considera um profissional competente? Por que?

3. Você sabe o que são Hortas Agroecológicas?

4. Na sua casa tem horta? Você sabe cuidar?

5. Você se considera uma pessoa de hábitos saudáveis?

6. Você se considera um profissional competente? Por que?



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
4ª TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO:
GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E
AMBIENTAL**

QUESTIONÁRIO (PROFESSORES):

Nome: _____

Endereço: _____

Série que leciona: _____

1. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

2. Como você relaciona as práticas Agroecológicas com a metodologia de ensino?

3. Você já trabalhou com Hortas Agroecológicas antes desses projetos?

4. Na sua casa tem horta?

5. Você se considera uma pessoa de hábitos saudáveis?

6. Você considera este projeto importante? Por que?
